

ATELIÊ (AUTO)BIOGRÁFICO DE ARTE: UMA ESTRATÉGIA DE FORMAÇÃO DOCENTE EMANCIPADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Carvalho Pereira (UFMG)

Prof.^a Dr.^a Rosvita Kolb Bernardes (UFMG)

Neste trabalho, apresentamos um processo de investigação sobre as contribuições do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* como percurso formativo estético emancipatório de estudantes da Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. A intenção é tornar visível o caminho que temos construído como professoras e pesquisadoras na pós-graduação e coordenadoras dos laboratórios de pesquisa do CNPQ *Laboratório de Estudos em Dança, Gesto e Cognição (GESTOLab)* e *Casa Aberta Mesa Posta: Arte, Formação de Professores, Autobiografia*. Neste contexto, desde 2019, ofertamos regularmente a disciplina *Narrativas de Si e Aprendizagem em Arte* guiadas pela seguinte indagação: como é possível pensar uma proposta de formação como estratégia de resistência, sobrevivência e empoderamento da identidade do docente na área de Arte? Movidas por essa questão e no movimento de acolher as trajetórias dos estudantes, identificamos que ao fazerem escolhas como a de ser artista, professor, professor de arte, pesquisador de/em arte, muitas vezes, se deparam com a marginalidade, o não reconhecimento da Arte como área de conhecimento, isto é, a desvalorização do campo da Arte e a fragilidade na identidade docente, principalmente no contexto escolar. Frente a esse desafio fomos levadas pelo desejo e tomadas de coragem para trilhar e construir um novo caminho experimentando outros modos de ver e ouvir nossos estudantes privilegiando ao longo dos semestres um espaço para elaboração de narrativas, propondo o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* a partir da interlocução com as autoras Delory Momberger (2005, 2006, 2016 e 2019), Stela Barbieri (2021), Passeggi (2016, 2017) e Marie Christine Josso (2004). Este caminho é trilhado a partir de imagens, corpos em movimento, sons, objetos e palavras, entre outros. Defendemos, assim, a necessidade de múltiplas linguagens e materialidades num processo de formação emancipatório no campo da Arte. Esses elementos se apresentam como instrumentos

mediadores que fomentam possibilidades, não só de ativação da memória do vivido, mas também da materialidade e da narrativa como releitura da experiência dos estudantes. A lembrança do vivido se amplifica através do questionamento reflexivo, para compreender as práticas de si, na existência revelada. Este caminho de formação no campo da arte, cada vez mais reafirma a potência da narrativa *(Auto)biográfica* e a possibilidade de ensinar, formar e reinventar, evidenciando, assim, a potencialidade tripartite das abordagens (auto)biográficas: pesquisa, intervenção e formação. Ao longo da disciplina *Narrativas de Si e Aprendizagem em Arte*, o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* tem se apresentado como uma estratégia metodológica de formação docente emancipadora. As análises do percurso vivenciado pelos estudantes artistas/professores/pesquisadores evidenciam que este processo de formação proporciona o reconhecimento do saber da experiência de cada um, com a possibilidade de empoderamento do sujeito e a reafirmação da sua trajetória no campo do ensino da Arte. As análises evidenciam que a proposta desenvolvida contribui para o fortalecimento da identidade da profissão, além de potencializar os projetos e as pesquisas.

Palavras-chave: Formação docente emancipatória; Ateliê (Auto)Biográfico de Arte; Ensino-aprendizagem de Arte.

Introdução

Trabalhar no campo da pesquisa autobiográfica foi uma escolha. Uma escolha, que tem nos permitido, na formação docente, seguir pela pesquisa qualitativa e estabelecendo relações entre os campos (Auto)Biográfico, Arte e Educação. Esta relação nos possibilitou compreender como as pessoas se tornam quem elas são, ao trazer as histórias de vida e as narrativas em uma prática de formação.

Neste trabalho, apresentamos um processo de investigação sobre as contribuições do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* como percurso formativo estético emancipatório de estudantes da Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. A intenção é tornar visível o caminho que temos construído como professoras e pesquisadoras na pós-graduação e coordenadoras dos laboratórios de pesquisa do CNPQ *Laboratório de Estudos em Dança, Gesto e Cognição (GESTOLab)* e *Casa Aberta Mesa Posta: Arte, Formação de Professores, Autobiografia*.

Ofertamos regularmente, desde 2019, a disciplina *Narrativas de Si e Aprendizagem em Arte* vinculada aos programas de pós-graduação PPGArtes e PROFArtes da EBA/UFMG guiadas pela seguinte indagação: *como é possível pensar uma proposta de formação como estratégia de resistência, sobrevivência e empoderamento da identidade do docente na área de Arte?* Movidas por essa questão e no movimento de acolher as trajetórias dos estudantes, identificamos que ao fazerem escolhas como a de ser artista, professor, professor de Arte, e pesquisador de/em arte, muitas vezes, eles se deparam com a marginalidade, o não reconhecimento da Arte como área de conhecimento, isto é, a desvalorização do campo da Arte e a fragilidade na identidade docente, principalmente no contexto escolar.

Frente a esse desafio fomos levadas pelo desejo e tomadas de coragem para trilhar e construir um novo caminho experimentando outros modos de ver e ouvir nossos estudantes privilegiando ao longo dos semestres um espaço para elaboração de narrativas propondo o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* a partir da interlocução com as autoras Delory Momberger (2005, 2006, 2016 e 2019) propondo o *Ateliê Biográfico de Projetos* e a *Automedialidade*; Stela Barbieri (2021) propondo o conceito de *Estado de Ateliê* e também a partir da concepção de narrativa de Marie Christine Josso (2004) e de *pesquisa-formação* de Passeggi (2016, 2017).

Em nossa prática docente na pós-graduação, ocupando-se da formação de estudantes professores/artistas/pesquisadores de Arte, percebemos a importância de criar esses espaços, dentro da sala de aula, permitindo a reflexão sobre suas trajetórias de vida e fazerem, durante o processo, o exercício de elaboração de suas narrativas de formação estética. Para tanto, impunha-se a necessidade de alargar o tempo e de configurar o lugar da sala de aula de tal maneira que o mergulho na memória pudesse ser impulsionado e, dele, histórias de vida pudessem emergir, visibilizando itinerários de formação docente através da narrativa dos estudantes. Então, fomos levadas pelo desejo e tomadas de coragem para trilhar e construir e experimentar outros modos de ver e ouvir o processo de formação dos nossos estudantes professores/artistas/pesquisadores, propondo o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* como um caminho metodológico nas nossas aulas do curso de Pós-Graduação em Artes EBA/UFMG.

Delineando o Ateliê (Auto)Biográfico de Arte

Durante nossa trajetória no campo de formação de professores de Arte e das nossas pesquisas, tivemos a oportunidade de conhecer a *Pesquisa (Auto)Biográfica em Educação* que constitui-se como um campo de investigação e formação que não se reduz às narrativas de vida e enraíza-se numa atitude fundamental do ser humano que consiste em *configurar narrativamente* a sucessão temporal de sua experiência (DELORY MOMBERGER, 2005). Assim, para Passeggi (2016, p. 75-76),

a pesquisa-formação incide, portanto, sobre a representação do professor e do pesquisador como seres aprendentes, capazes de refletirem sobre suas aprendizagens ao longo da vida (*life learning*), e em todas as circunstâncias (*lifewide learning*). O que sugere o desenvolvimento de suas potencialidades para produzir teorias e conhecimentos sobre seus modos de fazer, de ser e de aprender. O processo de autonomização de quem narra advém de sua disposição para dar sentido a suas aprendizagens, ou ainda, da conscientização dos conhecimentos adquiridos, explícitos ou tácitos, que lhes são úteis para posicionar-se como sujeito em suas decisões, ou tomar consciência de sua própria fragilidade diante delas.

A potência desse campo nos atravessou e delineou um caminho possível para nossa prática docente no campo de formação de professores de Arte e também nas nossas pesquisas. É importante destacar que nesse caminho tivemos a oportunidade de promover eventos pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG.

Ancoradas no campo (Auto)Biográfico delineamos a proposta do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* inspiradas nos fundamentos apresentados a seguir. Delory Momberger (2006, p. 359) define o *Ateliê Biográfico de Projeto* como:

(...) um procedimento que inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si.

Para nós o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* é entendido como um espaço de pesquisa e formação inspirada na mesma autora, que apresenta a dimensão do relato de *Ateliê Biográfico de Projeto* como construção da experiência do sujeito:

Os procedimentos de formação conduzidos sob a forma de ateliês biográficos de projeto destinam-se a considerar essa dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de *formabilité* aberto ao projeto de si. (DELORY-MOMBERGER, 2006, p. 366).

Nossa proposta do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* desenvolvida na disciplina *Narrativas de Si e Aprendizagem em Arte* é, portanto, um caminho metodológico que permite, por meio da rememoração, promover a reflexão sobre experiências vivenciadas. Sendo assim, é preciso fazer conhecer-se a si mesmo para conhecer o outro e seguir na construção da experiência do sujeito e do espaço de “formabilidade” aberto ao projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Outro aspecto importante proposto por Delory Momberger (2019) é o conceito de *Automedialidade*:

As noções de “medialidade”, de “automedialidade”, de “práticas mediais” trazem uma renovação muito fecunda na maneira de pensar as mediações da relação a si. Mostrando o papel determinante do “meio”, de sua materialidade e de suas formas específicas de constituição da relação a si (self fashioning), elas levam a reconhecer que o sujeito se constitui em práticas que, longe de serem simples “suportes”, são aquilo pelo qual e no qual uma subjetividade encontra sua forma. Aliás, a noção de “práticas automediais” permite englobar todas as formas de expressão e de linguagem: faladas e escritas, fotográficas, audiovisuais, gráficas, plásticas, digitais, corporais e gestuais, teatrais, etc. Entre outras consequências, a reflexão ligada à “medialidade”, alargando o campo das possibilidades, abre as práticas de formação a novas abordagens mais conscientes da interpenetração constitutiva do dispositivo medial, da reflexão subjetiva e do trabalho sobre si nos processos de construção do sujeito (DELORY-MOMBERGER, 2019, p. 3).

Nessa perspectiva, desde 2019, oferecemos a disciplina *Narrativas de Si e Aprendizagem em Arte* vinculada aos programas PPGArtes e PROFArtes da EBA/UFMG. Os participantes são estudantes de mestrado e doutorado ou de disciplina isolada das áreas do Teatro, Dança, Música, Artes Visuais, Moda, Audiovisual, Cinema, Produção Cultural, entre outras. O curso se estrutura a partir da abordagem de conceitos e de métodos desses diferentes campos, estabelecemos uma relação direta com o conceito de *Automedialidade* que se relaciona a diferentes expressões artísticas, configurando-se como uma dimensão particular do processo (auto)biográfico. Este caminho é trilhado a partir de imagens, corpos em movimento, sons, objetos e palavras, entre outros.

Também é importante considerar que na estruturação da proposta do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* buscamos construir relações entre o(s) corpo(s), os objetos, as ideias e as narrativas. Esse entendimento dialoga com o da artista Stela Barbieri (2021) quando

afirma que as narrativas carregam potências vividas e inventadas. Para ela, cada vez que uma história é narrada, ela traz outras narrativas que podem ser encarnadas e entrelaçadas dentro de nós, numa impregnação ancestral, da qual muitas vezes desconhecemos a origem, pois está misturada em nós, na nossa história. A autora destaca que é no envolvimento do dia a dia que a vida se faz e que as narrativas existem, na busca de sentidos que impregnamos aos objetos à nossa volta, as histórias que partilhamos, os livros que lemos, os desenhos, as histórias que inventamos e criamos.

Nessa mesma direção temos a autora Marie Christine Josso (2004) afirmando que,

Elaborar a sua narrativa de vida e a partir daí, separar os materiais, compreendendo o que foi a formação, para em seguida, trabalhar na organização do sentido desses materiais ao construir uma história, a sua história, constitui uma prática de encenação do sujeito que torna-se autor ao pensar a sua vida na sua globalidade temporal, nas suas linhas de força, nos seus saberes adquiridos ou nas marcas do passado, assim como na perspectiva dos desafios do presente entre a memória revisitada e o futuro já atualizado, porque induzido por essa perspectiva temporal. Numa palavra, é entrar em cena um sujeito que se torna autor ao pensar na sua existencialidade. (JOSSO, 2004, p. 60).

O *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* é constituído por um espaço de experiências estéticas, onde os sujeitos são protagonistas com os seus modos específicos de significar e narrar o mundo e a Arte: é quando consideramos o tempo da experimentação o fundamento que torna os pensamentos visíveis. Nesta perspectiva, temos Stela Barbieri (2021) chamando atenção para o “Estado de Ateliê” como “um estado de percepção, de movência no mundo, um estado laboratorial: é o que nos traz vitalidade. A potência de sermos afetados, de perceber nuances”. (BARBIERI, 2021, p. 18).

O estado de ateliê pode estar em tudo o que fazemos. Um lugar de construção de relações a partir de nossas perguntas, daquilo que nos traz curiosidade. O estado de ateliê também é um estado mental em que vamos em busca do que nos atravessa e nos mobiliza, do que nos questiona e que desejamos conhecer. (BARBIERI, 2021, p.35).

Em nossa prática docente na Pós-graduação o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* é concebido como um espaço de pesquisa. Somos mobilizadas por uma concepção na qual os verbos permitir, escutar, ouvir, fazer, pensar, dizer e experimentar são permitidos. Neste contexto de autoformação, seguimos com o objetivo de criar condições concretas para que

cada sujeito construa e se aproprie da história do seu percurso de formação no campo da Arte. Um movimento singular de investigação que pode ajudar a dar visibilidade aos saberes e fazeres adquiridos ao longo da sua trajetória pessoal e profissional, a partir das múltiplas linguagens e materialidades. Esse processo de formação emancipatório acontece nos momentos descritos a seguir:

- *Primeiro momento: Aproximações com o campo da (Auto)Biografia.*

Iniciamos o primeiro momento tirando os sapatos e sentando-nos em círculo, no chão, numa sala vazia, sem cadeiras, reservando um tempo para ouvir e olhar uns para os outros. Em seguida, mostramos alguns livros, revistas, artigos e vídeos do campo da autobiografia, com a intenção de despertar e motivar os estudantes para suas próprias pesquisas. Assumimos nesse primeiro momento a possibilidade de provocar nos estudantes uma escuta atenta, com a possibilidade de olhar, de folhear e ter nas mãos os materiais que fazem parte do referencial teórico da disciplina e do nosso objeto de pesquisa.

- *Segundo momento: Caminhar para encontrar-se.*

Este momento está fundamentado no ato de caminhar à deriva fora da sala de aula como uma experiência estética onde o ato de deslocar-se é entendido como uma ação artística. Segundo Sandra Rey:

O ato de caminhar foi largamente experimentado durante as primeiras décadas do século XX: em um primeiro momento, enquanto forma de anti-arte, depois, enquanto ato primário de transformação simbólica do território e, posteriormente, como uma forma de Arte autônoma (REY, 2010, p. 109).

Tomamos também como referência o conceito de *Walkscape*, de Francesco Careri (2013), que propõe o andar como um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente o espaço e criar paisagens. Incluir o caminhar e o deslocar-se corresponde à intenção de retirar os estudantes da ‘zona de conforto’ e provocá-los com ações que fazem parte de uma experiência estética, como olhar, procurar, catar, juntar, recolher, escolher, guardar um objeto encontrado na caminhada. Na volta da caminhada pelos espaços da universidade, os estudantes retornam trazendo consigo os seus objetos escolhidos, as histórias provocadas por essa experiência, para compartilhar com os colegas.

- *Terceiro momento: Corpos e objetos em movimento como possibilidade de narrar-se.*

Neste momento os estudantes são convidados a vivenciar um processo de exploração, de criação, de escuta e de um olhar para seu corpo. Os estudantes deixam aflorar suas

experiências com o corpo em movimento utilizando os objetos, dialogando com o espaço da sala de aula, explorando os diferentes planos e níveis, fluências e ritmos. O movimento do corpo junto com os objetos recolhidos no segundo momento apresenta-se como um instrumento mediador que potencializa não só a ativação da memória do vivido, mas também a materialidade da narrativa estética. Assim, os estudantes puderam dizer de si e revelar-se aos outros. Nesse processo, observamos uma forma muito singular de narrar, de falar de si, marcada por diferentes modos de fazer. São caminhadas que trazem repertórios de suas experiências feitas de memória, que se desdobram em seu ser de agora num processo autoral.

- *Quarto momento: Teias de significado - resgates da memória.*

Aqui, buscamos ativar as memórias dos estudantes a partir de perguntas tais como: Qual a sua primeira experiência estética? Qual a sua primeira experiência de ensino-aprendizagem em Arte? Esta provocação tem como resultado relatos de vivências estéticas resgatadas ao longo da sua trajetória de vida. Provocados pelo compartilhamento de seus relatos entre os colegas vai abrindo um espaço de contar suas experiências sob a forma de uma narrativa autobiográfica que até então não existia. Esse processo de biografização permite que o estudante que narra, embora não possa mudar os acontecimentos, possa reinterpretá-los dentro de um novo enredo. (PASSAGGI e CLEMENTINO DE SOUZA, 2017). Este novo enredo permite um novo sentido para as experiências e identidade docente desses estudantes.

- *Quinto momento: A identidade revelada entre fios e nós.*

A identidade revelada entre fios e nós, conecta-se as fotografias do acervo pessoal trazido por cada um dos estudantes. É um acervo composto por fotografias da infância. São imagens carregadas de afetos, de histórias e memórias que são ativados para inaugurar uma dinâmica onde os projetos de si se configuram como um potente arsenal, no processo de investigação da vida vivida. São as fotografias de ontem que traçam desenhos, linhas, nós, lugares perdidos. Pela experiência estética eles são recriados e ressignificados. Instaure-se neste momento um processo de criação, quando as linhas, os fios, os pontos e o bordado são agregados ao acervo fotográfico de cada estudante. Bordar na fotografia, neste quinto momento, provoca, além de um encontro com a imagem fotográfica, um retorno ao caminho percorrido até então. Habitar a imagem fotográfica através das linhas e fios entrelaçados, este gesto tece a história dos estudantes para recompor rastros, pensamentos, a vida.

- *Sexto momento: Cartografia do processo com foco na pesquisa.*

Cartografia do processo com foco na pesquisa, é marcado a partir de um exercício intenso dos estudantes de narrar-se e registrar-se levando em conta suas trajetórias: encontros, desencontros e atravessamentos centrados nas narrativas de si como um processo formativo com o objetivo de contribuir tanto para os projetos quanto para as pesquisas desenvolvidas na pós-graduação. Os repertórios cartográficos foram compostos por imagens fotográficas, desenhos, recorte, colagens, palavras, entre outros.

- *Sétimo momento: Biografar pertencimentos.*

É um momento da elaboração de um texto (auto)biográfico produzido pelos estudantes a partir de todas as experiências vividas durante o semestre, dialogando com o referencial teórico apresentado na disciplina. Este movimento busca possibilitar a ampliação e produção de conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem no campo da Arte e seus modos de ser, de fazer, de ensinar e de biografar pertencimentos e resistências.

- *Oitavo momento: Compartilhar, escutar e reviver.*

É neste momento que os estudantes trazem os seus textos produzidos na etapa anterior e trocam experiências entre si, dividem as suas escritas lendo em voz alta. É um encontro intenso, marcado de emoção, de silêncios e pausas. Mas é também nesta hora, a partir de um questionamento reflexivo que eles se reconhecem como sujeitos que têm uma história.

O que as narrativas podem evidenciar

Uma das orientações do movimento (auto)biográfico no Brasil, segundo Passeggi (2011a; 2011b), utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais, não apenas para produzir conhecimento sobre elas, mas para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. Portanto, a partir dos textos entregues pelos alunos, ao final da disciplina, no ano de 2022, buscamos um movimento intenso de olhar, ler, para poder evidenciar o que estes estudantes nos revelaram nas suas narrativas sobre a sua história vivida com/na Arte, dando sentido a sua existência.

Sabemos que a profissão docente do artista/professor/pesquisador no campo da Arte possui papéis de representação construídos historicamente, culturalmente e socialmente. É na travessia compartilhada entre a história de vida e experiência profissional que as estudantes

reconhecem as experiências formadoras que compõem suas trajetórias como potências para mover mundos.

Observamos que as narrativas se deslocam por vários caminhos, espaços, tempos e diferentes temas. Nos fragmentos das narrativas apresentadas a seguir, os estudantes de diferentes segmentos artísticos vão compondo seus caminhos. Caminhos que seguem pela emoção, de sentir-se capaz de ocupar, como mulheres, os espaços públicos e a academia; atos de resistência, de pertencimento, como professoras da dança e pesquisadoras; mulheres negras que vão compondo suas narrativas; escolhas e lutas reveladas na metáfora do equilibrista para dar sentido a sua vida como mulher; primeiras experiências estéticas que trazem os seus primeiros desenhos, o seu processo de criação apontando com mais clareza para esses estudantes, por onde seguir no seu processo profissional. Como evidenciado nos grifos, é na narrativa de si que os estudantes descobrem o seu processo consolidando uma aprendizagem autobiográfica emancipatória.

Aproximar das experiências formativas presentes nas narrativas dos textos dos estudantes permitiu-nos observar que eles, não só narraram acontecimentos biográficos, mas exerceram um trabalho sobre eles, por meio de processos reflexivos resultando na construção de sentidos para o que viveram, incluído em suas narrativas os impactos sentidos em seus itinerários biográficos.

Considero que minha travessia compartilhada por meio de partes da minha história de vida como “experiências formadoras. [...] Tudo isso me formou. Tudo me atravessou e ganhou sentido e direção. Dessa forma, consigo verificar que diversas habilidades manejadas na minha atuação profissional estão relacionadas às experiências vividas e assimilação delas como conhecimentos (re)aplicáveis. (A. L., 2022) (Grifo nosso)

No caminho desse processo de resignificação de experiências e contato com outros sujeitos, pretendo contribuir para o campo de conhecimento da dança, ao trazer propostas de ensino para a discussão acadêmica. A partir dessa afirmação, sigo então na busca de bordar esse caminho na pesquisa acadêmica também, um campo bastante novo para escrever minha coreografia, agora com palavras. Entretanto, suspeito que essa fragilidade e incerteza que trago desde os

tempos de infância, unidos ao meu corpo sensível e atravessado pela experiência de dança se constituirão no meu farol, pois acredito na força de um corpo presente e na sua potência para mover mundos. (A. A 2022) (Grifo nosso)

Entender a memória também como uma edição, a partir do tempo presente de quem a visita, reduz o medo da exposição pois a narrativa de algo vivido no passado sempre é também uma ficção. E criar a partir dessas histórias pode ser uma maneira de inventar percursos que não sabemos, momentos e sensações não compreendidos, de preencher vazios insustentáveis ou ainda dar novos sentidos e usos a materialidades de difícil aceitação. (C. M. F. C, 2022) (Grifo nosso)

Pensar em equilibrar-se na vida é atender uma metáfora de ser três ou quatro mulheres dentro de uma só. Equilibrar pratos, papeis, fraldas, trabalho, romance e poesia. As pessoas estão constantemente elaborando autobiografias e fazendo rascunhos de si mesmas, reconstruindo seu diálogo interior e com outros indivíduos. Contar a própria história significa, assim, dar forma ao que antes não tinha. Sendo assim, as narrativas de si não visam apenas comunicar o que já se sabe, mas também constituir em processos de descobertas, se consolidando como uma aprendizagem autobiográfica. Portanto, com coragem narro minha história, equilibrando pratos e memórias, mesclando poesia e buscando o protagonismo. Pesquisar o ensino. Tantos escritos, tantos fatos já constatados, conceitos já ditos e abordagem já feitas. Mas não a minha. Chegou agora a minha vez. Narro e existo, existo e narro. (F. G.O, 2022) (Grifo nosso)

Porém, é pelo ato de lembrar que consigo compreender um pouco como essas experiências me impactaram e fizeram parte da minha formação como pessoa e até como artista. Percebo que eu tinha algum nível (mesmo que bastante superficial) de consciência sobre os enquadramentos que a janela da van fazia. Além disso, por causa da locomoção do veículo, os enquadramentos da janela apresentavam imagens dinâmicas, com movimento. Imagino que essas voltas da escola na van tenham contribuído muito para o desenvolvimento da minha

sensibilidade estética, possivelmente influenciando a minha futura relação com o cinema. (F. C, 2022) (Grifo nosso)

Assim, como escrevo este texto muito emocionada, poder voltar sabendo de toda a minha trajetória forte e de resistência para estudar arte me dá muito orgulho de mim mesma. Me fez perceber que a arte nos potencializa, empodera. [...] Concluo a partir desta proposta autorreflexiva que, é a partir desse olhar para o passado e a possibilidade da pesquisa em artes que a ocupação das mulheres dentro das esferas públicas, acadêmicas, universitárias e trabalhistas é o caminho. É o caminho na medida em que nos representamos, em que nos vemos umas nas outras, em que não estamos sozinhas. Quantas vezes eu me pus a olhar espaços com maior ocupação por homens, como foi por muitos anos a direção teatral, e que hoje manifesto meu saber nesta e em outras áreas. Rememorar me fortalece na medida em que eu entendo minha própria capacidade, me reinvento e principalmente, me entendo enquanto uma profissional e artista válida. Para além, a narrativa de si contempla um espaço de empoderamento da própria história. A partir das experiências artísticas fundadoras, eu pude perceber as funcionalidades do meu próprio trabalho, quais perspectivas eu quero seguir, para onde quero caminhar, para que eu irei dar ênfase. O poder sobre nossa história é nosso. Somos protagonistas do nosso conto. O que faremos com essa história é a virada de chave. Hoje, eu com minhas três profissões me articulo, jogando com o passado e toda bagagem que me constitui. (G.O. S, 2022) (Grifo nosso)

Durante a disciplina foram realizadas atividades que me fizeram refletir sobre minha infância e as primeiras experiências estéticas em arte, foi a partir dessas reflexões que dei um sentido aos desenhos, buscando em minhas memórias o próprio significado do processo de criação em arte. As narrativas presentes no caminho biográfico proporcionaram uma ligação com minha própria realidade, como se fossem linhas de memórias conectadas entre o passado e o presente. (I. L.P. A, 2022) (Grifo nosso)

Foi através desse exercício de tecer caminhos entre meu passado, presente e futuro que são trazidos fragmentos e decisões importantes que podem explicar as trilhas pelas quais decidi passar e o artista-educador que me tornei hoje. [...] Precisamos das narrativas, e, de certa forma, elas precisam de nós para persistirmos. (L. G, 2022) (Grifo nosso)

Ao pensar no meu trabalho hoje e na minha pesquisa iniciada, entendo a relevância de lembrar e narrar este episódio da minha infância; eu me aproprio da minha própria história, desloco esse episódio para o momento presente e, através do tempo dilatado e da percepção desse episódio aos trinta e um anos e com outras vivências somadas à minha existência ao longo do tempo, eu transformo e tenho a possibilidade de ressignificar esses episódios e entendo com mais clareza como eu cheguei até aqui e onde eu quero ir a partir disso que sei. (L. G. C. C, 2022) (Grifo nosso)

Entendendo que na Educação a pesquisa (auto)biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos, esgarço aqui possibilidades de contar minha própria história, compreendendo melhor minhas escolhas, motivações, lutas e desafios na empreitada de ser artista da dança-professora-pesquisadora-mulher negra. Sinto-me tomada por um sentimento ambíguo com relação ao meu processo de compreender-me negra na caminhada de minha vida e da dança. [...] Para mim é realmente curioso e no mínimo digno de questionamento o fato de que podemos viver uma vida ou parte dela desconectados de partes essenciais do que somos ou poderíamos ser. Então tenho elaborado e reelaborado enunciações e resistências buscando o caminho para mim mesma, reconhecendo minhas raízes e pertencimentos, orientando meus passos, dando sentido para experiências e sentimentos, que acabaram por reorganizar também meu modo de fazer Arte, compreendê-la e ensiná-la. Seja num improviso ou numa proposta previamente pensada e organizada, as espirais com que me deparei ecoam aspectos genuínos de uma vida cujo movimento, mais precisamente a dança, permitiu-me ser

protagonista. Assim, tentando pisar onde meu sapato alcança, sem esquecer que foi dançando que cheguei até aqui, tento seguir movendo-me de modo a contribuir para uma educação que contemple a dança de forma emancipatória, ressoando potências outrora limitadas pelas lógicas de engessamento dos corpos, ideias e saberes. (R. N. C, 2022) (Grifo nosso)

O que pode o Ateliê (Auto)Biográfico de Arte?

A partir da trajetória na disciplina na pós-graduação com a nossa proposta metodológica de formação do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte*, desde de 2019, e principalmente a partir da experiência vivida em 2022, como pesquisadoras, podemos nos questionar: *quais contribuições que as Narrativas de Si podem trazer para formação docente de Arte? Como tornar visível a trajetória profissional de cada estudante? Como é possível pensar a Arte como estratégia de resistência, sobrevivência e empoderamento da identidade docente?*

Após as análises dos textos (auto)biográficos dos estudantes foi possível identificar que o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte* proporcionou o reconhecimento do saber da experiência de cada estudante como possibilidade de empoderamento do sujeito, o que lhe permite a reafirmação da sua trajetória no campo do ensino da Arte. O ato de narrar o vivido, na perspectiva (auto)biográfica, foi um procedimento que possibilitou inscrever a história de vida em uma dinâmica que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito, fazendo emergir o seu projeto pessoal e profissional como construção da experiência do sujeito.

Na medida em que os estudantes criaram suas narrativas por meio da escrita, da oralidade, dos gestos, dos sons, das imagens ou de outras formas, fragmentos de uma história, num determinado tempo, espaço, desencadearam processos de ressignificação sobre situações e experiências vivenciadas. Desse modo, a narrativa (auto)biográfica, em vez de ser uma lembrança acabada de uma experiência, reconstrói-se à medida que é narrada. Este caminho de formação no campo da Arte reafirma a potência do *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte*, como possibilidade de ensinar, formar-se e se reinventar, evidenciando, assim, a potencialidade tripartite das abordagens (auto)biográficas: pesquisa, intervenção, formação.

Assim sendo, optar por seguir por esse caminho na pós-graduação, nos revela uma abertura de espaços para potencializar as experiências dos sujeitos e suas histórias de vida,

para comprender as práticas de si na existência revelada, apresentando-se como uma formação emancipadora. Além disso, observamos que o processo de formação vivido na disciplina contribuiu para o fortalecimento da identidade da profissão, além de potencializar os projetos e as pesquisas na pós-graduação em Artes.

É relevante ressaltar que viver esta experiência foi também para nós, professoras da disciplina, um processo de formação. Lendo Nóvoa (2004), ampliamos a compreensão desse processo, pois como formadoras também nos formamos na relação com aqueles em formação. Ao receber as narrativas dos estudantes, resgatamos fios das nossas próprias histórias e nos (re)fazemos no cotidiano, nas aulas, nas obras produzidas, nos diálogos estabelecidos durante o *Ateliê (Auto)Biográfico de Arte*.

Referências bibliográficas:

- BARBIERI, Stela, (2021). *Territórios da invenção: ateliê em movimento*. 1.ed. São Paulo: Jujuba.
- CARERI, Francesco, (2013). *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: G. Gil.
- DELORY-MOMBERGER, C. (2005). *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*. Paris: Economica Anthropos.
- DELORY-MOMBERGER, Christine, (2006). *Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto*. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, mai./ago.
- DELORY-MOMBERGER, Christine, (2016). *A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular*. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*. Salvador, v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr.
- DELORY-MOMBERGER, C., BOURGUIGNON, J-C, (2019). *Automédialité*. In: DELORYMOMBERGER, C. (dir.), *Vocabulaire des histoires de vie et de la recherche biographique*, Toulouse, Erès, 2019.
- JOSSO. M. C, (2004). *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez.
- NÓVOA, ANTONIO, (2004). Prefácio. In JOSSO, M. C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez.
- PASSEGGI, M. (2011a). Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica en educación. Trad. Dora Marin Díaz. *Revista Educación y Pedagogía*. (Universidad de Antioquia) 23(61), pp. 25-40.
- PASSEGGI, M. (2011b) A experiência em formação. *Revista Educação* 34(2), pp. 147-156.
- PASSEGGI, M. C, (2016). O sujeito autobiográfico: noções terminológicas para a pesquisa (auto)biográfica com crianças. In: Passeggi, M.; Furlanetto, E.; Palma, R. *Pesquisa (auto)biográfica, infância, escola e diálogos intergeracionais*, Curitiba: CRV, p. 47-66.
- PASSEGGI, M. C. y SOUZA, E. C, (2017). O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. *Investigación Cualitativa*, 2(1). pp. 6-26.
- REY, Sandra, (2010). Caminhar: experiência estética, desdobramento virtual. *Revista Porto Arte*, v. 17, n. 29, p. 107-121, nov.